

O trem que chega é o mesmo trem da partida? Reflexões de estudantes concluintes da formação técnica de nível médio de um Instituto Federal

Is the incoming train the same as the outgoing train? Reflections of graduating students from a technical high school of a Federal Institute

Rodrigo dos Santos Almeida

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ, Nilópolis e Rio de Janeiro, RJ
rodrigo.almeida@ifrj.edu.br

Marcus Vinicius Pereira

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ, Nilópolis e Rio de Janeiro, RJ
marcus.pereira@ifrj.edu.br

Giselle Rôças

Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ, Nilópolis e Rio de Janeiro, RJ
giselle.rocas@ifrj.edu.br

Resumo

Este trabalho emana da necessidade de escuta dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio e do grau de identificação deles com a formação ofertada pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Objetivamos mapear, por meio de uma pesquisa qualitativa com coleta de dados em um grupo focal, os sentimentos, o grau de autonomia e de maturidade desses alunos como possibilidades de um processo reflexivo sobre o papel dessa formação para eles. Essa escuta, necessária ao ambiente escolar, é capaz de fornecer pistas na busca por um modelo de educação que priorize quem busca a formação técnica, de como aqui chegaram e o que pretendem alçar no futuro. Nossas análises evidenciaram a valorização da formação técnica e dos ganhos diretos e subjetivos da formação integrada pelos alunos, além de apontar por onde a escola deve caminhar e se aprimorar buscando manter sua qualidade.

Palavras chave: educação profissional, instituto federal, autonomia discente.

Abstract

This work stems from the need to listen to students from technical courses integrated into high school level and from their degree of identification with the training offered by the Federal Institute of Rio de Janeiro (IFRJ). We aim to map, through qualitative research with data collection in a focus group, the feelings, the degree of autonomy and maturity of these students as possibilities for a reflective process on the role of this training for them. This listening, necessary in the school environment, is capable of providing clues in the search for an education model which prioritizes who seek technical training, how they got here and what they intend to achieve in the future. Our analyzes showed the appreciation of technical

training and the direct and subjective gains of integrated training by students, in addition to pointing out where the school should go and improve in order to maintain its quality.

Key words: professional education, federal institute, student autonomy.

Introdução

A motivação para este estudo deu-se em função dos autores serem professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e acompanharem de perto as mudanças experimentadas pelos estudantes, especialmente os que compõem o maior número de matrículas dessa instituição – os de formação técnica de nível médio, conforme previsto da Lei nº 11.892/2008. A partir de nossa experiência, buscamos o estabelecimento de uma escuta ativa junto a estudantes com o intuito de responder as perguntas: como os alunos da formação técnica de nível médio percebem e se identificam com sua formação? Como entreveem os mecanismos de ensino e aprendizagem que vivenciam no IFRJ?

Como professores, oportunizamos momentos de aprendizados, mas também assistimos ao crescimento e prosseguimento de diversos alunos, tal como em uma estação de trem, com o IFRJ sendo a plataforma dessa estação. Essa instituição cria meios para mudanças de seus passageiros, aqui protagonizados pelos estudantes da formação técnica integrada de nível médio – jovens que, em suas descobertas, se entreolham como futuros técnicos egressos dessa formação e que, ao longo dessa jornada de oito períodos (equivalentes a quatro anos de formação), muito experimentaram e, portanto, têm histórias a nos contar.

Assim, o objetivo deste trabalho é focar na escuta dos alunos concluintes e, a partir disso, refletir sobre os trilhos do processo de ensino e aprendizagem dentro desse contexto do IFRJ e tudo o que ele proporciona, adensando um projeto de pesquisa maior, em que escutamos, inicialmente, os estudantes ingressantes (ALMEIDA; PEREIRA; RÔÇAS, 2020): como vivenciaram suas experiências de chegada, o que entendiam e como se viam nessa estação, as expectativas, as surpresas, a adaptação, entre outros. Agora, em outro momento, é chegada a hora de escutar quem está de partida, quem por aqui já trilhou sua trajetória e com sua bagagem procura o seu vagão com destino ao futuro, com a despedida desse lugar – os alunos do último período.

Percurso Metodológico

Para alcançar o objetivo deste estudo, estabeleceu-se como ponto de partida a escuta das vozes dos alunos, interpretando-as como a distância percorrida entre os pontos de chegada e partida, dos encontros e desencontros que o processo de aprendizagem estimula, participa, transforma, altera ou mesmo inibe. A escuta se deu em momentos distintos com públicos diversos.

Para esse estudo em particular, separamos as visões trazidas pelos alunos concluintes dos diferentes cursos técnicos do IFRJ/CMAR do segundo semestre de 2019, quando sequer se imaginava o surgimento da pandemia de Covid-19, responsável por impactos e mudanças na sociedade, em especial no campo da educação. Foi realizada uma busca ativa nas turmas de oitavo e último período dos cinco cursos integrados do nosso campus, e nelas feito o convite a participar de uma roda de conversa. O interesse aqui era captar voluntários que pudessem discorrer sobre suas impressões a cerca dos temas elencados nesse estudo. De forma bem

sucinta, foram explicadas as ações pretendidas, e por adesão pedimos que em cada turma, dois a três alunos se candidatassem, de forma a termos um grupo não muito grande, porém expressivo e representativo.

A roda de conversa foi conduzida aos moldes de um grupo focal (GOMES, 2003; GATTI, 2005; GONDIN, 2005), em uma sala de reuniões do *campus*, e todo o encontro foi gravado, mediante consentimento prévio de todos os presentes. Dos alunos voluntários convidados, estiveram presentes um total de nove deles, representando os cursos técnicos de Farmácia, Meio Ambiente e Química. O *campus* Rio de Janeiro do IFRJ tem quase 80 anos, se localiza na zona central do município do Rio de Janeiro e oferta sete cursos técnicos, três graduações e cinco pós-graduações, cumprindo a missão de verticalização do ensino de um Instituto Federal. O *campus* é um local dinâmico, “de gente que chega querendo ficar, dos que querem partir, dos que pretendem voltar”.

Dentre os temas a discutir, delineiam-se algumas das mesmas inquietações e provocações discutidas anteriormente com os ingressantes (ALMEIDA; PEREIRA; RÔÇAS, 2020), questionamos os participantes sobre a forma como se deu a seleção de ingresso ao IFRJ, a escolha do curso e os fatores envolvidos nessa escolha, a opção pelo ensino médio técnico versus o ensino médio regular, as projeções para o futuro, acerca do mundo do trabalho e dos estudos, sobre suas expectativas em relação ao IFRJ em suas formações, além dos aspectos de aprendizagem, ensino e avaliação do IFRJ para com os seus estudantes e suas análises críticas a respeito disso. As escutas feitas nesse encontro foram analisadas tendo como base as anotações realizadas pelos autores durante a realização do grupo focal e a posteriori, confirmadas com a escuta minuciosa da gravação e leitura da transcrição das falas à luz da Análise de Livre Interpretação (ALI) proposta por Anjos, Pereira e Roças (2019), e então identificadas e ordenadas nas categorias apresentadas a seguir na próxima seção.

Resultados

Na canção do octogenário Milton Nascimento, muitos sentimentos eclodem em seus versos e na cadência de sua melodia. Encontramos, aqui também, um conjunto de sentimentos, expressos em vivências e opiniões que nos ajudam a entender a estação de trem IFRJ, pois, além dos que chegam e dos que partem, temos também aqueles que ficam e que precisam fazer essa estação funcionar. Para que funcione é preciso conhecer, sobretudo, os passageiros que atravessam essa estação, e, porque não dizer, também são atravessados. Assim, apresentamos, a seguir, os resultados da escuta desses nove estudantes.

Para começar, a escolha pelo IFRJ não se mostrou óbvia para eles, que acabaram por ocupar esse espaço por fatores tais como: incentivo da escola do ensino fundamental, informação obtida através de familiares ou conhecidos, busca em pesquisas na internet, entre outros. Ainda que alguns sequer tivessem ouvido falar sobre o IFRJ, ao terem acesso ao elenco de cursos ofertados e do que se tratavam, pareceu-lhes ser uma escolha acertada, tanto pela formação técnica, como pelo fato dos cursos convergirem com seus interesses. Havia ali uma pista sobre a vontade em estar no IFRJ, inclusive, a despeito de outras instituições igualmente públicas e federais cuja forma de ingresso se assemelha a do instituto, além de um gosto mais proximal pela química e biologia, as disciplinas-chave do *campus* Rio de Janeiro, ponto este que se destaca e diferencia das demais instituições de ensino.

Por se tratar de um processo seletivo na forma de ingresso, todos prestaram admissão para outras instituições públicas, e eventuais escolas privadas para alguns deles. Entretanto, era o



IFRJ a escola que figurava em suas predileções. As escolas federais estiveram no primeiro rol de escolhas, chamadas por alguns de “santa tríade” composta por IFRJ, CEFET-RJ e Colégio Pedro II. O instituto se destacou, ocasionando a migração de alguns com a reclassificação para o IFRJ, apesar de matriculados em outra instituição. O IFRJ não era primeira opção de escola daqueles que preferiam cursos que o instituto não ofertava, mas, hoje, manifestam o desejo de não saírem mais, ainda que fossem reclassificados para suas originais predileções. Outra pista de que o ingresso no IFRJ desperta um sentimento de identificação e identidade para com seus estudantes.

Os nove estudantes ouvidos nesse grupo focal eram dos cursos técnicos de farmácia, meio ambiente e química, não tendo comparecido voluntários dos cursos de biotecnologia e alimentos. Eles destacaram, em sua escolha pelo curso, a possibilidade de estudos voltados para a área das ciências da natureza (denominada por eles como exatas), com predileção por estudar em uma instituição federal de ensino. “Aqui é Federal”, termo repetido em diferentes momentos do grupo focal e por diferentes estudantes, é uma fala que denota o padrão de qualidade e o orgulho de pertencer ao IFRJ, e que foi identificado também no outro estudo com os ingressantes (ALMEIDA; PEREIRA; RÔÇAS, 2020). Paralelamente, identificamos que já havia uma preocupação/cuidado da família em dar aporte aos que podiam, na inserção deles em cursos preparatórios e/ou pré-técnicos. Mais uma pista de que, para além da gratuidade, o IFRJ se destaca como instituição que oferta ensino de qualidade, para o qual valem esforços, como o de frequentar cursos extras.

A escolha do curso, dentre as opções existentes no IFRJ, se deu pelo interesse na química e/ou biologia. Entretanto, algumas falas mais pontuais destacaram que há algum nível de diferença entre a expectativa idealizada e a realidade vivida em termos de disciplinas e seus pesos na formação da matriz curricular. Contudo, sem trazer algum peso negativo nessa comparação, apontaram suas escolhas por um critério que denota também o sentimento de liberdade de escolha, sem trazer um peso de que essa escolha tenha vindo por uma espécie de imposição externa (família) ou por falta de opção. Outros traziam já na escolha do curso o alinhamento da formação com algo que lhes parecia aproximar do curso superior idealizado por eles à época. Uma vez definido o IFRJ como instituição de ensino, a escolha pelo curso, não pareceu ser um ponto nevrálgico, mas sim uma culminância de ações convergentes, isto é, fazer o IFRJ por opção em um curso que lhes agrade estudar e sobre o qual vislumbram um futuro.

Sobre a escolha do curso, um fato importante é ver que parte dos alunos pesquisaram inclusive sobre a matriz curricular no entendimento de realizar a melhor escolha dentre as opções, uma vez que, durante a matrícula, era possível optar por outro curso do originalmente selecionado na inscrição do processo seletivo, a depender da classificação. A despeito das escolhas que se deram de formas variadas, percebe-se hoje uma satisfação de suas trajetórias e do acerto que representou cursar o curso técnico escolhido, conforme citado anteriormente.

Parte desses achados fazem referência a um outro tópico abordado, sobre a escolha entre o ensino médio regular e a formação técnica integrada ao ensino médio. Perguntados se hoje, a partir das vivências adquiridas, caso pudessem voltar no tempo com o que sabem/conhecem e tivessem a oportunidade de escolher entre esses dois distintos itinerários, caso o primeiro pudesse ser ofertado pelo próprio IFRJ, foi consenso a predileção pela formação técnica, mesmo que não se vejam mais tão aderidos à área de formação quanto antes:

Mesmo eu não gostando 100% do meu técnico, acho que todo conhecimento é válido, e por isso, não mudaria não, permaneceria no técnico. (Aluno 3)

Supondo que eu pudesse fazer um técnico que eu mais gostasse, eu faria um

técnico. (Aluno 6)

Ou seja, a não identificação real com um dos cursos ofertados pelo IFRJ não descartou a percepção e a predileção pela formação técnica a despeito da formação regular. Nova pista sobre a valoração da formação técnica como uma trajetória exitosa na percepção dos alunos que na visão dos autores corroborado por outras leituras (CIAVATTA, 2005; BRAGA, RÔÇAS, SILVA, 2019) tangencia os ganhos secundários que esse tipo de formação possibilita. Outro ponto abordado, vinculado a essa etapa final do curso, quando se descortinam a eles possibilidades de futuro, entre trabalho e estudo, continuação da formação e as múltiplas combinações entre elas, os alunos almejam, majoritariamente, o ensino superior, mas a inserção ao mundo do trabalho pelos estágios os fazem pensar na independência financeira como algo que se torna uma realidade concreta, em especial se possibilitada a conciliação dos estudos com o trabalho, na expectativa de gerirem, a partir de sua renda, o aspecto financeiro de suas vidas, uma postura mais adulta e independente, coadunando a forma com que pensam (livremente) e o poder de ir e vir que a questão financeira como empregados parece lhes permitir.

A diferença, no entanto, está no fato da escolha pelo local de trabalho não estar tão aderida à sua área de formação, diferentemente das escolhas pelos cursos de graduação, que estão mais alinhados à formação atual, de forma direta, ou pelo fato de que alguns dos cursos tangenciam com a formação adquirida, podendo não necessariamente ser a escolha mais óbvia, mas por terem áreas afins e trazerem o interesse justamente pelo fato de o curso ter trazido isso como uma das possibilidades de verem em suas escolhas o “seu” caminho lógico. Aqui, novamente, ressurge o aspecto da maturidade na forma de sonhar esse futuro e da liberdade de assinarem sua própria trajetória e o mundo do trabalho (MADEIRA, 2006). A importância da inserção no mundo do trabalho os fazem optar até mesmo pela formação no ensino noturno como forma de viabilizar essa conciliação. Há ainda quem entende, após passar pelos estágios, que é melhor seguir a carreira acadêmica e os estudos o máximo que puder, tardando a entrada efetiva no mercado de trabalho, por entender que é algo que não precisa ser antecipado agora, contrariando um pensamento antigo de que ao entrar no IFRJ o foco era o de trabalhar e garantir a estabilidade financeira o quanto antes, diferentemente dos demais que originalmente não pensavam nisso e hoje desenhavam tal possibilidade (RAMOS, 2005; RAMOS, 2011; CORREA, ALVES, MAIA, 2014). Com destaque, as falas evidenciaram que, mesmo com o desejo na inserção ao mercado de trabalho na busca por uma estabilidade e colocação, essa não é a prioridade, posto que a formação segue como ambição primária dos estudantes ouvidos.

Se tiver que dar prioridade, eu vou dar prioridade para os estudos. (Aluno 1)

O trabalho é mais para nos dar independência dos pais, mesmo que precisasse demorar um pouco mais pra me formar. (Aluno 2)

Eu trabalharia desde que me encontrasse com o trabalho, eu preciso trabalhar, mas não vou priorizar. (Aluno 7)

Vou buscar uma iniciação científica ou estágio, porque voltar a depender dos meus pais, ter de pedir dinheiro novamente é muito complicado. (Aluno 8)

Perguntados sobre uma análise de toda a trajetória desde o ingresso nos períodos iniciais até o último período, consideraram os estudantes ouvidos que esse caminhar supera as expectativas, ao qual atribuíram diversos ganhos, tais como: crescimento pessoal, amadurecimento, visão



de mundo, entre outras falas que se repetiram e foram corroboradas nos gestos e posturas dos participantes durante o grupo focal. Há nesse grupo uma unicidade no que diz respeito aos ganhos pessoais que a formação técnica do IFRJ lhes possibilitou. Encaram que essa jornada não é linear, e trazem à tona uma certa crise identitária em torno da metade do curso, quando há uma diminuição da carga horária destinada às disciplinas da formação regular e o incremento das disciplinas dedicadas à formação profissional técnica, mas que, passada essa fase, da qual os autores passam a entender como um novo período de adaptação, veem uma abertura do mundo e mais inseridos ao contexto da formação técnica.

O IFRJ é mais do que um técnico. (Aluno 2)

visto que os ganhos desse crescimento vão muito além da formação técnica, porque

É importante você saber o que não quer fazer, e isso o IFRJ também te mostra. (Aluno 5)

O crescimento não é na sala, é fora. (Aluno 1)

trazendo à tona todas as potencialidades que o IFRJ oferta para além da sala de aula a todos os seus estudantes, nas relações interpessoais e a gratidão pela memória criada nesse espaço, como a experiência de participar de projetos de iniciação científica (IC) que encantam os alunos e os aderem ao Instituto sendo uma referência positiva na luta contra a evasão:

A pessoa que eu sou hoje em dia, eu não imaginaria ser em qualquer outro lugar, e eu gosto da pessoa que eu sou. (Aluno 3)

Como pontos negativos, denotaram não terem tido conhecimento prévio sobre o excesso de aulas por meio de contratuais e aulas aos sábados, sobrecarregando suas rotinas, contrariando suas expectativas originais. Ainda assim, valorizaram seus cursos, pois, a despeito disso:

Despertam o horizonte do aluno. (Aluno 7)

Vendo umas pessoas que não são da Federal e tal, você percebe as coisas muito mais fáceis que pessoas que não tiveram essa oportunidade. (Aluno 1)

Quando entrei em contato com a área técnica e a ter mais contato com o IF eu vi que era vantajoso estar aqui do que se tivesse feito uma escola normal e acabado o ensino médio mais cedo como meus colegas do fundamental e entrado na faculdade. Me envolver foi vantajoso, eu estaria perdida, se tivesse ficado em outra escola, porque vou sair com uma cabeça muito diferente e muito feliz por estar aqui. (Aluno 4)

Como crítica, alegaram sentir falta da formação regular, em especial a partir do quinto período, quando majoritariamente há apenas disciplinas técnicas. O modelo de integração do ensino médio à formação técnica é ainda pauta de muitas discussões. Ramos (2005) destaca a necessidade do sentido aos conteúdos escolares com práticas pedagógicas que possibilitem ao aluno entendimento do contexto. A cobrança das disciplinas técnicas é uma das grandes críticas. A rotina pesada com os compromissos internos e externos, o estágio e o cansaço da formação em quatro anos (oito períodos semestrais) parecem não ser compreendidos pelos professores do final de curso. O excesso de avaliação, de atividades e provões são extenuantes e engessam o processo de avaliação que não vislumbram outras possibilidades de integração do conhecimento como seminários etc. Relataram ainda disciplinas das quais não veem

sentido de estarem presentes, ratificando a ideia da sobrecarga citada anteriormente.

Esses estudantes continuaram suas reflexões enfatizando que a matriz deveria ser mais equilibrada, e não uma justaposição de disciplinas propedêuticas e técnicas, a memória do conteúdo regular fica escasso ao fim do curso. Ou ainda, que se perceba a falta de diálogo entre as disciplinas, mesmo para aquelas que parecem ter mesma origem, e ainda assim colocam-se como conhecimentos distantes e distintos.

Já que é médio técnico integrado, você tem que integrar as matérias do médio com o técnico, ou seja, eu não quero estudar as disciplinas e decorar para só depois eu em outra disciplina descobrir porque eu estudei aquilo lá atrás, eu deveria aprender isso desde lá, misturar e combinar as matérias, evitando que as coisas fiquem soltas. (Aluno 2)

A visão dos alunos sobre formação integrada traz na sua essência um pensar sobre o aluno de forma indissociável de suas diferentes facetas (CIAVATTA, 2005).

Os dois momentos em que você tem as maiores pancadas são em momentos nada a ver, é o primeiro/segundo período e depois no sétimo/oitavo períodos. (Aluno 2)

Primeiro pela possível falta de base, que exige que seja para garantir melhor adaptação dos alunos que não possuem base, e ao final que pelos diversos compromissos, estágios e outras atividades que são focadas no IF, e muitas vezes não se considera os tempos de deslocamentos, já que muitos moram distantes do IF.

A escola tem de entender que os alunos precisam de uma vida social, porque isso é saudável. (Aluno 1)

O que esbarra em questões, inclusive psicológicas. Nesse sentido alguns alunos trouxeram pontos delicados como trancamento, vontade de evadir/desistir do curso dadas as pressões, sobretudo, nesses momentos mais cruciais do curso, sendo salutar uma redistribuição das disciplinas ao longo do curso a fim de evitar sobrecargas. Apontaram ainda lacunas e falhas que seriam importantes a instituição buscar solucionar.

A gente acha que falta um projeto pedagógico de curso mais bem elaborado entre as coordenações. (Aluno 9)

Pois professores atuam de forma distintas e atrapalham o acompanhamento nas matérias seguintes, e a falta de transparência com a ementa, em que alguns professores parecem não seguir o que se pretendia com a disciplina.

Uma maior comunicação entre os professores, até mesmo entre os períodos para os professores saberem como chegam os alunos para eles. (Aluno 8)

Tem muito professor que não enxerga os alunos. (Aluno 4)

Nas falas, eles trazem o tom de descontentamento com os processos avaliativos e pedagógicos de alguns professores, cujas análises amadurecidas podem ajudar a elucidar alguns fenômenos como a retenção e evasão, pois sinalizaram que os baixos rendimentos em uma turma precisam ser vistos como um problema da escola, e não normalizar este comportamento

Não é normal todo mundo estar mal em uma matéria, não é normal

reprovação em massa... o professor vai pra outra turma e repetir esse comportamento sempre e sempre e a direção nada faz, e os alunos vão se sentindo desmotivados, e trancando o curso, procurando um psicólogo e vários problemas. Eu não queria estar formando agora com minha turma com onze alunos, eu queria como era no terceiro período quando minha turma era grande. (Aluno 3)

Eles sugeriram o incentivo à criação de outras formas de avaliação, mais positivas e que instiguem ao estudo mais do que para a realização da prova, dosando corretamente o peso das avaliações de forma a não gerar sobrecarga. O aluno não pode ser reduzido a um papel, e a avaliação, segundo eles, deveria estimular autonomia e maturidade. Há que se valorizar o raciocínio do aluno e não a resposta certa restrita ao gabarito, o aluno pode desenvolver seu raciocínio por outros caminhos. De maneira reflexiva destacaram a importância da análise reversa desse processo:

Uma coisa que tem que ser feita é avaliar a avaliação do professor, por vezes, o professor nem tocou no assunto em aula, que pode até estar no livro e não é justo que seja cobrado se ele mesmo não me falou aquilo. (Aluno 1)

Eu acho que vocês deveriam fazer uma pesquisa com os professores para saber o que é que eles acham que é ensinar? O que eles acham que é dar uma aula? E a partir disso, param e analisam o que precisa mudar nas equipes, porque tem professor que entende que tem que ensinar e que possui um papel importante em nossas vidas, mas outros não, e esses precisam mudar. Não é fácil demitir um professor, mas vocês podem motivar um professor a dar aula bem. Ser o professor que mais ensina. (Aluno 3)

Voltando ao tema da retenção e evasão e o processo pedagógico do IFRJ, os alunos entendem que o processo de seguir o curso e ver, ao longo dessa jornada, muitos colegas ficando “para trás” ecoa neles a sensação de que alguns talentos tenham sido negligenciados por uma nota, por um meio ponto, por um conselho de classe que parece não considerar o aluno como um todo, o esforço não é visto tal e qual o rendimento da nota de uma avaliação.

É preciso ver o histórico do aluno, e não uma nota isolada. (Aluno 8)

O sistema de progressão pode ser injusto ao reprovar um aluno em uma única matéria, ainda mais por uma diferença muito pequena.

Eu vi muita gente sendo reprovada que se esforçou muito mais que eu. Uma pessoa que mostrou evolução, ela tem de passar, e ela não passa! (Aluno 2)

Os alunos concluintes e periodizados (sem reprovações) no geral advêm de escola privada, enquanto a maioria dos alunos oriundos da escola pública acabam por experimentar reprovações, levando alguns casos à evasão, em algum momento de suas trajetórias

Se for todo mundo junto, vai ser melhor pra todo mundo. (Aluno 3)

Reprovar o aluno por meio ponto não é justo, querendo ou não, o compromisso da escola também é social, esse aluno que poderia estar aqui envolvido com monitoria e outras atividades, agora tá na rua e não vai mais estudar e ter de esperar o ENEM pra entrar numa escola. (Aluno 5)

Os alunos se preocupam uns com os outros, reconhecem os processos excludentes, entendem

a importância da política de cotas, percebem a entrada desses estudantes, mas veem que eles não são de fato acolhidos,

Tipo assim, não tem nenhum negro aqui nessa sala, então você abre vaga, abre vaga, mas você tira essas pessoas. (Aluno 1)

Criticamente, os alunos atribuem que o peso e a carga de estudos e conteúdos do primeiro período, entendido como uma base, apenas nivela quem já traz uma base sólida, presente majoritariamente naqueles oriundos da rede privada, e que acaba por desqualificar e isolar os demais, oriundos da rede pública, destituindo o papel social do qual a escola deveria atender. Nessa linha, Correa (2014. p. 33) nos adverte que

os jovens alunos de nossas escolas não são receptáculos de informações descontextualizadas, mas que possuem papel ativo no processo educativo, tampouco, crer que, nós professores, somos meros transmissores de conteúdos. Pensando assim, precisamos superar o descompasso entre o currículo e a vida cotidiana, entre os conteúdos escolares e as demandas da vida prática. Isso quer dizer que, quando os currículos escolares se aproximam do cotidiano vivenciado pelos jovens alunos, pode ocorrer uma efetiva construção de significados sobre o conhecimento; os jovens alunos podem usufruir dos conhecimentos apreendidos na escola, e põem, com isso, alterar os sentidos da própria escolarização.

Com todas as críticas apresentadas, é real o sentimento de pertencimento dos estudantes ao IFRJ e o desejo de que essa instituição cresça e melhore, e que continue a permitir que outros jovens desfrutem dos ganhos da educação aqui proporcionada. Reconhecem e valorizam o potencial das pesquisas realizadas, ainda que possam estar mais distantes da realidade chão de fábrica da qual os técnicos são submetidos no mercado de trabalho, sobre a vantagem que o amadurecimento pessoal e como aqui é incentivado, e se permitem sonhar com uma escola ainda melhor pelo seu potencial:

O IFRJ tem um ideal tão bonito, mas não bota totalmente em prática. (Aluno 6)

Na dimensão social que o IFRJ alcança e transforma seus alunos, a valorização dos espaços coletivos, de atividades esportivas, campeonatos, iniciação científica, monitoria entre outras, permitem explorar as potencialidades dos alunos. Segundo eles, a escola incentiva e valoriza tanto o ideal da liberdade, que eles, ao ingressarem no IFRJ, com toda a sede de conhecimento e descobertas que a adolescência prevê, poderia ser mais valorizada nas práticas socioeducativas da escola, e apontam que a falta dessas instâncias mais ativas, viabilizam que essa sede e energia acabam sendo canalizadas para outras instâncias, como o uso precoce de drogas, mas também pelo descompromisso entre o estudo e o lazer, e a consciência política/politizada. Inclui-se aqui também os ideais do movimento estudantil e suas mobilizações.

Prezo até pela questão do IFRJ em si, porque, independentemente das críticas que a gente fez aqui, sou eternamente grato, gratidão, gratidão, e não tem outra coisa a falar, eu fico ofendido vendo o que acontece. Os novos alunos precisam entender o que é pertencimento, porque a gente entra aqui criança e vai amadurecendo. (Aluno 2)

O IFRJ é importante para mim como pessoa, eu não seria a pessoa que eu sou agora sem o IFRJ, sou extremamente grata, se precisar pintar uma parede, plantar uma árvore. A gente critica muito porque a gente se importa, é igual quando uma mãe fala de um filho. (Aluno 1)

À época dessa escuta, muito estava evidenciado quanto dos cortes orçamentários promovidos pelo Governo Federal e a pecha de que as instituições federais de ensino eram uma balbúrdia. Sobre isso, os alunos desabafaram seu lamento por entenderem o tom falacioso que isso representava e que, de certa forma, também os atingia.

Considerações Finais

A partir do grupo focal realizado com esses nove estudantes concluintes da educação profissional técnica integrada ao ensino médio, percebe-se que muito foi ouvido, porque muito se havia a contar. Estudar no IFRJ é, sobretudo, viver muitas experiências, compor muita bagagem de vida e um aprendizado que se mostrou, nas falas dos alunos, e no entendimento dos pesquisadores, algo muito maior e que nem caberia, ainda que tentássemos, dentro de uma sala de aula. Viver uma escola não cabe dentro de tempos de aula vividos nas carteiras das salas e povoando cadernos espiralados. Há que se ter a dimensão de que a escola carrega mais significados, e, em especial, a formação técnica, permite que essas dimensões sejam ainda maiores.

Diante disso, não se pode esperar dos estudantes nada menos do que aqui se evidenciou. Foi evidente assistir ao desabrochar e ao crescimento individual, ver a percepção do coletivo, compreender que não há passividade nessa jornada, ainda que os espaços de escuta careçam ser revistos e viabilizados. Em meio a tantas transformações que a educação brasileira tem atravessado, ter essas vozes ecoando com mais força em nossos espaços podem permitir maturações e ações que venham ao encontro dos ideais de uma formação mais libertária nas bases das ações da própria escola. Nossa matéria-prima se coloca apta e capaz de garantir essa promoção, carregam em sua essência as sementes de uma formação integral, da criticidade e a valorização de um ensino de qualidade.

Os participantes dessa pesquisa acreditam e validam as boas iniciativas, reconhecem os valores de uma formação técnica e sua relação com o mundo do trabalho. Ouvir é uma análise profunda, requer atenção e respeito por quem fala. É acolher o que o outro percebe e vive cotidianamente ao teu lado. Portanto, o outro em geral muito tem a nos contar, ensinar e refletir, para agirmos na esperança de progredirmos em prol dessa estação chamada educação, e para que outros trens, em seus momentos de embarque e desembarque, para os que chegam e para os que partem, preencham de significados e de vida a escola que é uma estação viva para quem a atravessa.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ao Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ).



Referências

- ALMEIDA, R. S.; PEREIRA, M. V.; RÔÇAS, G. Pelo não silenciamento - a voz dos alunos de ensino médio técnico do Instituto Federal do Rio de Janeiro. In: SOBRINHO, S. C.; PLÁCIDO, R. L. (Org.). **Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio - Série Reflexões na Educação - Volume 8**. João Pessoa: IFPB, 2020, v. 8, p. 837-877.
- ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G.; PEREIRA, M. V. Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 3, 2019.
- BRAGA, E. S. O.; RÔÇAS, G.; SILVA, C. S. É pau, é pedra... É o fim do caminho ou começo de um novo caminhar? In: TOMAZELLO, M. (Org.). **Reflexão sobre os Institutos Federais na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica**. Educação, Cultura e Sociedade. João Pessoa: IFPB, 2019. v. 4. p. 236-263.
- CIAVATTA, M. A formação integrada à escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 2005.
- CORREA, L. M.; ALVES, M. Z.; MAIA, C. L. **Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- GOMES, A. A. Apontamentos sobre pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal. **EccoS – Revista Científica**, v. 7, n. 2, 2005.
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v. 12, n. 24, 2003.
- MADEIRA, M. H. Ensino profissional de jovens: um percurso escolar diferente para a (re) construção de projectos de vida. **Revista Lusófona de Educação**, n. 7, p. 121-141, 2006.
- RAMOS, M. N. O currículo para o ensino médio em suas diferentes modalidades: concepções, propostas e problemas. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 116, p. 771-788, 2011.
- RAMOS, M. N. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 106-127.